

A escola e a prática da solidariedade

Leonardo Watson dos Santos



Solidariedade
como prática

Práticas
solidárias

Formas de
acesso

Aplicação das práticas
solidárias na escola

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Universidade Vale do Rio Verde - UNINCOR

Santos, Leonardo Watson dos
S237e A escola e a prática da solidariedade / Leonardo Watson dos Santos.
Três Corações, 2021.
21 f. : il. color.

Orientador: Dr. Zionel Santana.
Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR. Mestrado em Gestão,
Planejamento e Ensino.

1. Valores sociais. 2. Solidariedade. 3. Ensino médio. 4. Durkheim,
Émile. 5. Habernas, Jürgen. 6. Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da
Educação Nacional (1996). 7. Brasil. Base Nacional Comum Curricular
(2017). I. Santana, Zionel. II. Universidade Vale do Rio Verde – Unincor.
III. Título.

CDU:37.017:17

Introdução	5
O que é valor?	6
Solidariedade, o que é esse valor?	8
Solidariedade como prática	10
O professor como mediador de práticas solidárias	13
Solidariedade na escola: possibilidades de práticas	15
Conclusão	20

Figura 1 - O mundo está em nossas mãos.



Fonte: Imagem de [_Alicja_](#) por Pixabay [s.d.]

Caro (a) leitor (a):

Esta cartilha foi elaborada com o objetivo de divulgar práticas solidárias em sala de aula, bem como promover a divulgação de conhecimentos aos professores e aos alunos a respeito de práticas solidárias.

A escola é (re)produtora de diversas relações sociais ao desenvolver os diversos processos pedagógicos e, nestes, estão inseridas as práticas. A formação dos valores morais e, nestes, em específico, a solidariedade, é determinada pelos tipos de sociabilidades vivenciados pelo indivíduo durante toda a sua vida.

Dessa forma, torna-se essencial, na escola, repensar e compreender como os valores morais se formam, colocando-os em prática para que, como objetivo final, sejam entregues à sociedade indivíduos intelectual e moralmente preparados para o exercício da cidadania.

Valores morais e, para o caso em específico desta cartilha, os produtos da prática solidária definem-se por qualidades atribuíveis a pessoas, a fatos e a objetos, que medeiam as alternativas de escolha. Os valores constituem-se em mais do que uma simples compreensão: tais conteúdos atitudinais demandam, também, por parte do indivíduo, vinculação e posicionamento pessoal.

Esta cartilha é um produto educacional de uma dissertação do Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino, componente do leque de cursos ofertados pela Universidade do Vale do Rio Verde (Unincor).

Agradeço, imensamente, à direção do Colégio de Aplicação da Universidade do Vale do Rio Verde, bem como à sua equipe e aos professores pela atenção e carinho com que fui recebido além de todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho.

Desejo a todos uma excelente leitura!

A educação exerce um papel fundamental ao contribuir para o combate às diversas formas de discriminação, ao mesmo tempo em que propicia a inserção de uma cultura de valores entre os estudantes, com destaque para a solidariedade. Promover espaços ou atividades escolares em que os discentes possam usufruir e, ao mesmo tempo, praticar ações solidárias é uma excelente forma de preparar cidadãos para o exercício da cidadania.

Esta cartilha tem por objetivo auxiliar profissionais e atores do processo educacional no desenvolvimento de práticas solidárias, originadas dos próprios planos de ensino e que, neste pequeno manual, estarão consolidadas em atitudes e ideias que, pelo seu pragmatismo, poderão ser amplamente difundidas e exercitadas pela própria escola, pelos docentes e, por fim, pelos atores mais importantes deste processo: os alunos, futuros cidadãos.

Figura 2 - A sala de aula.



Fonte: Blog do Zé (2021).

O que é valor?



A contemporaneidade impõe-nos, por vezes, comportamentos individualistas e competitivos, os quais conduzem as pessoas a um tipo de convivência social que desagrega suas relações e, até mesmo, conduzem-nos ao extremismo da violência. Tais tipos de vínculos, degradados em sua essência, limitam as possibilidades de afinidades, carreando os indivíduos a valorizarem - de uma forma míope - como estranho a seus interesses, aquilo que há de bom nas outras pessoas.

É neste íterim que a escola, como (re)produtora de relações sociais nos seus processos pedagógicos, deve intervir, de forma pontual, no ensino de valores, os quais tem a capacidade de modificar comportamentos (individuais e coletivos), amalgamando personalidades com vistas à preparação da pessoa para a convivência em sociedade.



Valor, do latim *vaIere*, remete-nos à ideia de merecimento, de robustez, de força e de poder de um objeto que se impõe à consciência do sujeito.

Os valores são constituídos por características estimadas ou desejadas por um sujeito ou determinado grupo de pessoas, definindo-lhes escolhas devido ao fato de estarem intrinsecamente ligados aos desejos humanos. Dessa forma, sustentam as relações sociais e embasam normas de conduta em comunidade.

Os valores expressam-se em várias formas de sentimentos: gratidão, esperança, disciplina, humildade, justiça, honestidade, coragem, felicidade, amor, compaixão, respeito, paz, tolerância e solidariedade.

Para esta cartilha, em específico, a solidariedade será o valor trabalhado, pois se revela de importância, numa época em que são escassos, na nossa sociedade, os fundamentos e práticas que permeiam tal conteúdo atitudinal.

Figura 3 - União



Fonte: 4heads Soluções Lúdicas (2020).

Solidariedade, que valor é esse?

A Educação não pode, apenas, ter como foco a preparação do indivíduo para o mercado de trabalho, como que o atrelando a uma competitividade que, eternamente, o escravizará. Talvez, o objetivo mais crucial da Educação seja o de emancipar a pessoa, tornando-a livre para suas melhores escolhas.

Figura 4 - Inovações solidárias

Educação voltada
para a solidariedade...



Fonte: Olhar Cidadão (2013).

Figura 5 - Inovações solidárias



Fonte: Catraca Livre (2018).

... ensina o
verdadeiro
sentido de
SER humano

Com base nisso, apostamos na solidariedade como um valor capaz de agregar vários sentimentos em torno dessa redenção educadora e de transformação de ideias em ações práticas do cotidiano da escola, numa tentativa de preparar o jovem para a futura convivência em sociedade.



Ninguém vive sozinho, longe de qualquer sociedade. Estar inserido em grupos sociais, na sua família, na sua sociedade (da sua rua, do seu bairro, da sua escola, da sua cidade ou, até mesmo numa comunidade virtual) é um adágio que perpassa a nossa identidade, as nossas relações afetivas e, também, a nossa sobrevivência.

É a partir disso que a solidariedade se configura como um sentimento com o qual nos identificamos com os outros em relação aos seus sofrimentos e às suas angústias, induzindo-nos a uma espécie de responsabilidade recíproca. É por isso que se menciona, acima, a condição prática de sobrevivência de uma sociedade.

Quando adentramos no campo da moral, a solidariedade é aquele sentimento que vincula o indivíduo à vida, aos interesses e às responsabilidades do grupo social no qual ele está inserido ou, num sentido maior, até mesmo à Humanidade.

A solidariedade pressupõe uma relação de responsabilidade entre pessoas as quais estão unidas por interesses comuns, em que cada elemento do grupo está investido de uma obrigação moral de apoiar o outro ou a todos.

Figura 6 - Grupos solidários



Fonte: Conexão Revista (2019).



Solidariedade como prática

A temática da solidariedade, quando trazida para os bancos escolares, deve se expressar em práticas cujo objetivo deve ser o de apresentar um avanço sob uma perspectiva educacional que considere a pessoa e, mais especificamente, o aluno em sua completude ou totalidade, em que a dimensão solidária seja privilegiada como caráter integrativo do processo de formação para a vida em sociedade e, concomitantemente, para a sua humanização.

Diretamente ligado aos quatro pilares da Educação e para a preparação do aluno (e futuro cidadão), o verbo solidarizar-se vai se manifestar no cotidiano escolar e na vivência do saber ser, saber conviver, saber conhecer e saber fazer, sob a ótica de uma educação solidária.

Consoante aos quatro pilares da Educação, pode-se dizer que, em termos de solidariedade há, então, um saber solidarizar-se, o qual agregaria, em suas práticas, todo o espectro de convivências possíveis: o ser, o conviver, o conhecer e o fazer.



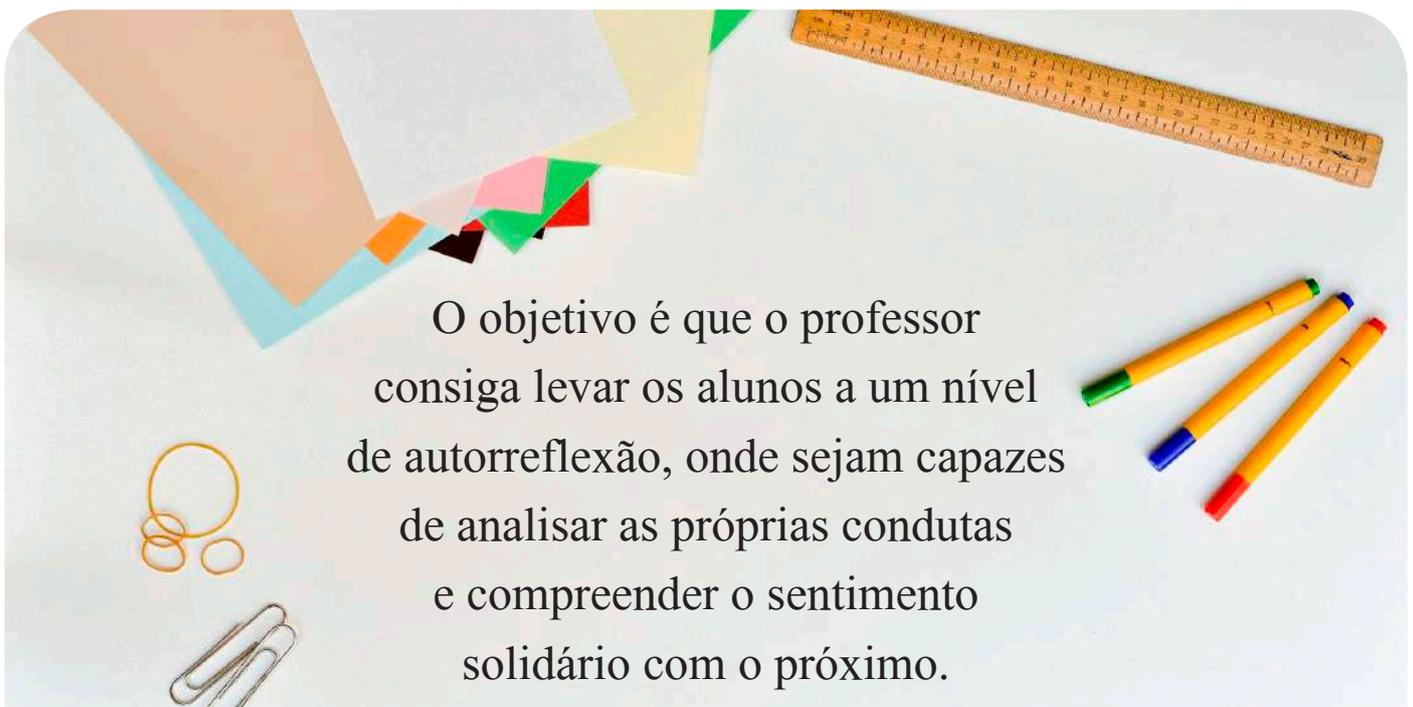
Figuras 7 a 10 - Os quatro pilares da Educação.

Fonte: Imagem de Jess Foami por Pixabay [s.d.]; Mais Aprendizagem [s.d.]; Cidade Verde (2019); Imagem de Wilhan José Gomes wjgomes por Pixabay [s.d.]

Nunca podemos esquecer que os ambientes escolares, assim como o familiar, são espaços privilegiados de desenvolvimento, nos quais os processos educativos são fatores contribuintes para uma representação que os alunos tem da realidade e, neste exercício reflexivo, encontram-se pilares básicos para a construção da solidariedade.

Assim, é fácil concluir que a forma mais assertiva de se incentivar práticas solidárias na escola é por intermédio da autorreflexão, convencendo e fazendo com que os alunos possam enxergar a si mesmos em todas as suas ações. O objetivo é que o professor consiga chegar a esse ponto (um verdadeiro nível de inflexão em termos educacionais), em que os alunos tenham a mínima capacidade de analisar as próprias condutas e, ao mesmo tempo, depurar o sentimento solidário com o próximo.

Figura 11 - O ambiente escolar



Fonte: Imagem de stokpic por Pixabay [s.d.]



Solidariedade como prática

E, por fim, como formas de construções práticas da solidariedade (em sala de aula e fora desta) e de sua entronização na personalidade do indivíduo, tem-se as dinâmicas das disciplinas (de forma isolada ou multidisciplinar), as quais exteriorizam as teorias e as trazem para o mundo da práxis, constituindo-se como excelentes ferramentas para que o valor solidário seja entendido, percebido e, por fim, praticado.

Figuras 13 a 14 - Dinâmicas de grupo



Fonte: acritica.com (2015); DeFato (2019); Eli Soler Psicóloga [s.d.]

Com base no exposto, verifica-se que o saber fazer que guiará as ações pedagógicas quanto às práticas solidárias é um fator de sucesso quando vislumbrado a partir de uma perspectiva colaborativa solidária. Arvora-se em metodologias que problematizarão as diversas possibilidades de resolução dos conflitos que se apresentam ou surgirão nas relações interpessoais da escola ou da vida em sociedade do estudante.

No capítulo dedicado às possibilidades de práticas solidárias veremos como isto pode se efetivar de forma concreta.

O professor como mediador de práticas solidárias

Os diversos momentos planejados ou, ainda, naquelas oportunidades nas quais os professores - de qualquer disciplina - encontrem espaços disponíveis com a sua turma ou com grupos de seus alunos, tornam-se prósperos palcos para que o valor da solidariedade seja discutido e explorado. Neste ínterim, perceber em quais cenários poderiam ocorrer relatos de eventos do dia ou de um passado bem próximo são incríveis e prósperos palcos para que o valor da solidariedade seja entendido e praticado.

Sob essa perspectiva, entende-se que as assembleias ou minifóruns são excelentes dinâmicas para se discutirem práticas solidárias, tendo o professor como mediador destas condutas. Desta forma, sabendo-se que o docente já conhece os integrantes de sua turma, deve-se aproveitar esse domínio do professor, explorando-lhe as capacidades e as habilidades ao máximo, ao mesmo tempo em que se ponderam as possíveis exacerbações, caso ocorram.

Figura 15 - Argumentação sem chavão



Fonte: Colégio Metodista São Bernardo do Campo (2017).



O professor como mediador de práticas solidárias

Durante as assembleias ou minifóruns – os quais não necessitam, eminentemente, ser em uma sala de aula – será possível trabalhar a solidariedade na sua plenitude. Numa assembleia online, por exemplo, onde os alunos terão acesso a uma gama de informações por estarem num ambiente mais confortável ou não estarão expostos frente a frente com outros colegas, a aprendizagem a respeito da solidariedade e de sua prática no cotidiano podem ter rendimentos bem superiores àqueles esperados num ambiente presencial.

Somado a isso, tais dinâmicas são momentos singulares para os docentes trabalharem, inclusive, suas capacidades e habilidades, principalmente a mediação. Concomitantemente a estas aptidões, explorariam o valor da solidariedade agregado a outros conteúdos atitudinais, como: o senso de justiça, o companheirismo, a honestidade, o respeito mútuo, a humildade, a alteridade e a empatia.

Depreende-se, portanto, que nestas rodas de conversa, mediadas pelos docentes, ocorreriam excelentes oportunidades de se discutirem problemas relativos ao cotidiano da escola, às relações entre alunos e entre estes e os professores. Não se pode esquecer que estas conexões também precisam envolver a unidade escolar e, até mesmo, a comunidade na qual aquela está inserida, fazendo com que os fóruns sejam usados como possíveis propostas de solução para os problemas que surgirão ao longo das atividades, o que dará aos estudantes uma formação mais cidadã e crítica.

Figura 16 - Onisciência digital



Fonte: Inforrede [s.d.]



1ª - Leitura para pessoas acamadas: a Língua Portuguesa, a Literatura e a Produção Textual unidas numa prática solidária e singular

Figura 17 - Cartas de amor



Fonte: Gazeta do Povo (2019).

Projetos de leitura coletiva têm, cada vez mais, rompido os muros e as fronteiras das escolas e das universidades. As competências leitoras – praticadas e difundidas no simples ato de ler para alguém – podem contribuir, e muito, no processo de recuperação de hospitalizados ou sendo uma alternativa balsâmica no aplacamento da solidão de pessoas que não possuem familiares ou amigos que possam visitá-las numa unidade hospitalar.

Figura 18 - Solidariedade com idosos



Fonte: Prefeitura de Ponta Grossa (2018).

Figura 19 - Afeto e interação entre jovens e idosos



Fonte: Correio dos Municípios - AL (2017).



2ª – Gincanas solidárias: a Educação Física e a Sociologia como promotoras da solidariedade

A educação voltada ao mercado de trabalho e, por vezes, eivada por práticas capitalistas deve ser repensada, mediante uma reeducação cujo sentido é o compartilhamento. Assim, compreende-se o verdadeiro sentido e o poder da solidariedade. As práticas esportivas, precedidas por atos solidários, são lastros de uma vida saudável, digna e promotora da justiça e para a qual os jovens devem ser preparados. Gincanas solidárias (precedidas por arrecadações de alimentos, de agasalhos ou de artigos que confortarão a vida de uma pessoa ou família) e, num ambiente, no qual, até mesmo um adversário vencido ganhará, são excelentes cenários para práticas solidárias originadas a partir de um consórcio de docentes da Educação Física, da Sociologia, da Filosofia e de outras disciplinas.

Figura 20 - Gincana solidária



Fonte: Jornal Grande Bahia (2018).

Figura 21 - Trabalho em equipe



Fonte: Imagem de Shelley Shang por Pixabay [s.d.]



3ª – Biblioteca humana: a Sociologia e a Língua Portuguesa unidas nos relatos pessoais e na sala de aula

Figura 22 - Mãos amigas



Fonte: Imagem de jacqueline macou por Pixabay [s.d.]

Uma interessante forma de projeto que encarna, em narradores reais, as personagens e os relatos de experiências contidos nos livros ou, ainda, na própria vida das mesmas. Oportunizar tais encenações é experienciar as possibilidades fruidoras da arte e em profunda configuração e consonância solidária, a partir de exemplos vivos para os alunos.

Figura 23 - Biblioteca humana



Fonte: Plataforma Redigir (2015).



Solidariedade na escola: possibilidades de práticas solidárias

4ª – Monitoria na própria escola, em outras unidades escolares ou em comunidades carentes: a Língua Portuguesa, a Produção Textual e outras disciplinas para além das teorias e dos bancos escolares

Uma iniciativa, há tempos, praticada por várias escolas e que rompe os muros escolares, é a prática da monitoria pelos próprios alunos, principalmente, por aqueles com bons rendimentos em uma ou mais disciplinas.

Compartilhar conhecimento e, por vezes, comunicar-se, de forma mais fácil e inteligível, como seus pares, é uma forma de solidariedade exemplar, aliada à compaixão e à compreensão das limitações do outro. Num cenário de profunda desigualdade de acesso à informação e de desníveis entre centros e unidades educacionais (seja entre o público e o privado, entre as instituições privadas e as suas similares ou, ainda, entre as escolas públicas), muitas vezes, numa mesma região, nada é mais solidário do que compartilhar uma das maiores riquezas do ser humano: o conhecimento.

Figura 24 - Monitoria voluntária



Fonte: G1 - Paraíba (2019).

Figura 25 - Monitoria voluntária



Fonte: Governo do Estado do Espírito Santo (2019).



5ª – Empreste-me seus sentidos, seja meus membros!

A finalidade desta prática solidária é que o(a) aluno(a) possa auxiliar pessoas com deficiências (PcD) totais ou parciais, tais como aquelas com cegueira, amputadas, ou ainda que, por fazerem uso de equipamentos (como cadeiras de rodas) ou próteses, apresentem limitações em suas atividades diárias. Tal prática pode se expressar em eventos previamente planejados pela escola, como numa paraolimpíada escolar, momento no qual PcD são convidadas a competir tendo alunos como seus guias, como seus técnicos ou, mesmo, como seus auxiliares. Para sua efetivação, inicialmente, a turma ou mesmo a escola pode compor duas comunidades: uma de alunos voluntários a prestarem assistência e outra de pessoas com deficiência (PcD). Após isso, mediante interações (pessoais ou virtuais), mediadas por docentes e profissionais especializados (pedagogos, psicólogos e psicopedagogos), com a aquiescência dos pais ou responsáveis, bem como a identificação de alunos com os futuros auxiliados, podem ser agendados encontros, permeados por supervisão escolar, de forma que os discentes prestem, de forma sazonal, o auxílio à PcD.

Uma formidável prática solidária!

Figura 26 - Brincadeiras/atividades inclusivas



Fonte: Nova Escola (2018).

Figura 27 - Brincadeiras/atividades inclusivas



Fonte: Diversa Educação Inclusiva na Prática (2015).



Conclusão

A finalidade da presente cartilha é que, com as práticas solidárias escolares propostas e aliadas a outras, advindas da criatividade e da experiência do professor, o sentimento de solidariedade, bem como outros como o senso de justiça, a compaixão, a alteridade e a colaboração sejam despertadas nos alunos de forma que o colega, o outro seja visto, a cada dia, sob uma nova ótica, por meio desse “cultivo” de valores.

É imperioso que se dê a relevância a essas práticas pedagógicas – quer de forma isolada quer de maneira interdisciplinar - pois o ensino não pode se resumir, apenas, ao conteúdo ministrado em sala de aula.

Os grandes objetivos de formar cidadãos que promovam uma sociedade livre e justa bem como desenvolver uma educação de qualidade são aliados na formação dos caminhos que promovem o desenvolvimento da Humanidade.

Dentre as inúmeras finalidades da educação está a de promover ações de valorização dos sujeitos, cujo cerne é a formação de indivíduos habilitados a conviver, a agir e, mais ainda, a intervir nas relações e nos contextos sociais nos quais estão imersos.

O trabalho procurou pautar-se pelo pragmatismo aliado ao equilíbrio e à harmonia no que se refere às propostas de práticas pedagógicas, não se tornando mais um anexo ou um adendo dos planos de ensino escolares. Muito menos tem o intuito de sobrecarregar os docentes ou discentes com mais uma atividade extracurricular. O foco é que, nas atividades já previstas pela escola ou pelo próprio professor, a temática da solidariedade permeie, de forma fluida, o planejamento e a execução, inicialmente propostos pelo docente e que, de forma intuitiva, o espírito solidário seja desenvolvido.

Assim, a intenção, deste produto didático é ser uma ferramenta auxiliar do professor no que se refere à formação de sujeitos protagonistas com sua formação e que, ao mesmo tempo, importem-se com o próximo. E, com base nessa consciência de indivíduo solidário e de convivência em sociedade, a educação, de fato, exerça o seu poder transformador.

BRASIL. Congresso Nacional. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em: 16 abr. 2021.

_____. Ministério da Educação. **PCN: apresentação dos temas transversais: ética/Secretaria de Educação Fundamental**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Ensino Médio. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. 2019. Ensino Médio. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

DELORS, Jacques et al. **Educação um tesouro a descobrir** – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI. São Paulo: Cortez Editora, 1998. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

_____. **A divisão do trabalho social** [1893] Trad. Eduardo Freitas e Maria Inês Mansinho. 2. ed. Lisboa : Editorial Presença, 1984.

_____. **Da divisão do trabalho social**. Trad. Eduardo Freitas. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HABERMAS, Jürgen. (1990). **Individuação através de socialização**. Sobre a teoria da subjetividade de George Herbert Mead. In: Pensamento Pós-Metafísico - Estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 183-234.

_____. **Uma visão genealógica do teor cognitivo da moral**, in: A Inclusão do Outro – estudos de teoria política. Trad. George Sperber e Paulo Astor Soethe. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **A inclusão do outro**: estudos de teoria política. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

TUGENDHAT, Ernst. **Vorlesungen über Ethik**. Frankfurt: Suhrkamp, 1993.

_____. **Lições sobre Ética**. 4. ed. Petrópolis, RJ. Vozes. 1996. 430p.

_____. **Lições sobre ética**. Petrópolis: Vozes. 1999.

Este produto educacional está registrado no seguinte endereço:
<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/602794>

